

Tudo começou com uma pequena mentira

J. Roberto Whitaker Pentead

...o mais frágil deles arranca-nos a voz da garganta. E já não podemos dizer nada. – do poema de Eduardo Alves de Souza

Há exatos dois anos, escrevi sobre um estranho fenômeno que começava a ocorrer em Congonhas, desde que ficaram prontas novas passarelas de embarque: os constantes "reposicionamentos de aeronaves". O cliente-viajante recebia um cartão no qual estava escrito o número do portão pelo qual deveria embarcar, digamos, 3, 5 ou 8. O viajante dirigia-se àquele portão, na ala nova. Quando faltavam uns 15 minutos para o embarque, ele ouvia o aviso: "Informamos aos passageiros do vôo xis da companhia tal que, devido ao remanejamento de sua aeronave, o embarque será efetuado pelo portão 8, 5, 3 ou 21" – que nunca era o número marcado inicialmente. Os passageiros, então – ovinamente – dirigiam-se ao novo portão, como naquele filme do Jacques Tati...

Na época tive a sensação de que – entre as centenas de milhares de pessoas que eram assim iludidas e incomodadas diariamente – incluindo jornalistas – o único que reclamou, que escreveu para a Infraero (sem resposta) para os SACs das empresas e para os dez principais jornais do País (nenhum deles publicou a carta) fui eu. Amigos perguntaram por que fazia isso, por gosto ou paranóia. Nenhum dos dois. Como alguém escreveu, certa vez, fi-lo porque quilo. Fi-lo por indignação, por dever cívico, por não me conformar que – entre todos os aeroportos do mundo – o de Congonhas não era capaz de encaminhar os seus aviões e os seus passageiros para a mesma passarela de embarque!

Era evidente que não havia "remanejamento" algum. Os responsáveis pelo tráfego (controladores de vôo?) não conseguiam sincronizar os equipamentos e as pessoas e, provavelmente, cada avião que chega se enfia na primeira entrada disponível e pronto. O que se apregoa pelo sistema de som é simplesmente uma mentira. Sabem disso as comissárias, os executivos, recepcionistas, pilotos, operadores e autoridades do aeroporto. Os passageiros fingem que acreditam nos avisos mentirosos, não reclamam nem se revoltam. E escrevi a frase seguinte, com todas as letras: Trata-se de um comportamento coletivo hipócrita e covarde, que só pode levar à aceitação resignada de abusos e agressões cada vez maiores à cidadania de todos nós.

Pois aconteceu: tudo isso e ainda pior do que eu poderia imaginar. Um avião caiu, causando mais de uma centena de perdas de vidas e sonhos irreparáveis; um sistema podre de descontrole de vôos, de caráter autoritário e arbitrário veio a tona; apareceu uma insuspeitada agência controladora da aviação civil, povoada por pelegos, que chantageava as companhias aéreas para obter passagens de graça para os acólitos do governo; o ministro da defesa demonstrou não estar à altura do cargo (talvez nem sequer o ocupe); a chuva passou a ser a culpada, depois, o peso dos aviões, as pistas do aeroporto precisam de reformas... O transporte aéreo – peça vital para o progresso e a sobrevivência do país – entrou e permanece em regime geral de caos.

E tudo começou com uma pequena mentira.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=135&ID=383>>. **Acesso em: 30 jul. 2009**